

PALCO

JUIZ DE FORA, DEZEMBRO. 2008. ANO I Nº 02

ART DÉCO PATRIMÔNIO CULTURAL

Inaugurado em 1929, o Cine-Theatro Central representa o inusitado casamento entre elementos clássicos e modernos que co-habitavam Juiz de Fora nos anos 20. Construído no estilo eclético que dominara as edificações levantadas na cidade ao longo da década, o teatro inovou ao ostentar em sua fachada um letreiro inspirado no art déco, movimento que só se consolidaria na "Atenas Mineira" mais tarde, a partir dos anos 30.

Vigorando até o fim da década de 40, o estilo marcou a arquitetura do centro da cidade. Grande parte desses exemplares se concentra nas ruas Halfeld e Marechal Deodoro e, por seu enorme valor histórico-cultural, a maioria é tombada, e o município é considerado referência no estilo.

O Cine Palace, o Hotel Majestic e o extinto Cinema São Luiz, todos localizados na Rua Halfeld; a sede dos

histórico no qual nasceu o movimento art déco. Desde o final do século XIX, discutia-se a necessidade da criação de novas linguagens arquitetônicas, que se adequassem às possibilidades e demandas da sociedade da época. Na Europa, o período entre guerras caracterizou-se pelas vanguardas que constituíram o Movimento Moderno. Art déco e variantes racionalistas surgiram como alternativas que propunham, antes e durante a afirmação do Modernismo, meios diferentes para orientar a arquitetura e ir além das limitações impostas pelo academicismo historicista.

O déco teve como marco a *Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas*, realizada em 1925, em Paris. Motivos largamente explorados – como animais e nus femininos – apareceram em linhas singelas e formas estilizadas. O movimento disseminou-se



NESTA EDIÇÃO

JUIZ DE FORA, 1968
A IRREVERÊNCIA DE SEIS
JOVENS "MARGINAIS"

EXPOSIÇÃO
PABLO NERUDA NA
VISÃO DA FOTÓGRAFA
SARA FACIO

MACHADO DE ASSIS
O TEATRO
REDESCOBERTO

JOSÉ LUIZ RIBEIRO
QUATRO DÉCADAS
DE DEDICAÇÃO AO
TEATRO

NATAL
CENTRAL SE ILUMINA
PARA A FESTA

Correios, na Rua Marechal; a Casa d'Itália, na Avenida Rio Branco; a Galeria Pio X, com sua fachada para a Rua Marechal, e a Sociedade de Medicina e Cirurgia, na Rua Braz Bernardino, são alguns dentre os vários exemplos de prédios construídos segundo a estética déco. Na praça João Pessoa, ladeando o Cine-Theatro Central, também podem ser contemplados dois belos exemplares do gênero.

Para Júlio Sampaio, especialista em Conservação de Patrimônio Cultural e coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, o art déco significa um momento importante, tanto na trajetória arquitetônica quanto na conjuntura sócio-econômica da cidade. "Trata-se da última manifestação de relevância na arquitetura relacionada ao período da industrialização", justifica.

No começo do século XX, Juiz de Fora progredira significativamente, com uma indústria em pleno crescimento que viria a lhe render o título de "Manchester Mineira". O estilo eclético, de fortes referências da linguagem clássica da arquitetura, não era capaz de traduzir o perfil e os anseios de uma sociedade que caminhava rumo a tudo que representava o industrial, o moderno e o cosmopolita. Para esse novo paradigma, o art déco caíria como uma luva a partir dos anos 30, quando a cidade optaria definitivamente pela modernidade.

ORIGENS EUROPEIAS

Progresso, industrialização, produção em série são conceitos centrais para a compreensão do contexto

rapidamente por outros países, tornando-se um modismo internacional que influenciou o design, a cenografia, a publicidade, a arquitetura, o paisagismo, a moda e as artes gráficas.

ESTÉTICA CLEAN

Inspirado no cubismo, no futurismo, no construtivismo e nas antigas artes egípcia e pré-colombiana, o déco adaptava-se à produção industrial e atendia às exigências da classe média emergente. Utilizando materiais simples e de baixo custo, como concreto armado e compensado de madeira, concedia às obras ares de requinte e glamour, ao ornamentá-las com bronze, prata, marfim ou mármore.

Na arquitetura, embora o art déco ainda carregasse a herança da linguagem clássica – representada por simetria bem definida, composição equilibrada e ordenação identificável –, apareceram novidades relacionadas à ornamentação e à volumetria das obras. Projetos com ornamentos limpos formados por faixas geométrizadas substituíram a reprodução de formas da natureza, especialmente florais e figuras da mitologia grega que vinham sendo feitas até o início do século XX. O movimento criou uma linguagem própria, fortemente ligada ao desenho industrial.

GP





SEJA MARGINAL SEJA HERÓI

As palavras de ordem de Hélio Oiticica também tiveram sua versão nas terras de "Paraiburgo". Aqui, na Juiz de Fora de 1968, um grupo de seis jovens, fazendo uma excursão arqueológica pelas imediações do Campo do Pouso do Serrote, descobriu no subsolo de algumas ruínas lá existentes uma urna contendo diversos rolos de pergaminho; estes documentos, muito danificados pelo tempo, foram recuperados pelos amigos, que, depois, resolveram publicá-los no mais sisudo jornal da cidade, dando origem à série *Palimpsestos Marginais*.

Para entender tudo isso, é preciso voltar quarenta anos no tempo. Percorrer a rua Halfeld a pé, tomar um café no Astória, admirar as belas vitrines da Galeria Pio X, conferir a mais nova exposição da Galeria de Arte Celina, discutir Godard, no CEC, pegar o bonde, ir à missa na Capela do Stella, ou discutir política na livraria Sagarana. Beber no Jota Chopp, não se atrasar para a sessão do Palace, frequentar o Chanan, conferir o último espetáculo da Casa d'Itália, encontrar os amigos no castelinho dos Bracher, fazer reunião política na casa dos Estiguer...

Mas, seria possível, em plena ditadura? Sim, foi possível. Aconteceu de fato, na cidade que um dia ganhou a alcunha de "Manchester Mineira" para, depois, mergulhar em mais de meio século de quase paralisia, até ser acordada pela estridência e inconformismo do *Movimento Marginal*.

Eles eram seis rapazes, que acreditavam ser possível mudar o mundo através das palavras e das idéias: Rogério Bitarelli Medeiros, José Paulo Netto, Gilvan Procópio Ribeiro, Eugênio Malta, José Cláudio Botelho e Nilo Batista. Apadrinhados por João Guimarães Vieira, o Guima, eles fizeram uma pequena revolução no suplemento *Arte e Literatura*, as duas páginas dominicais, publicadas no *Diário Mercantil*, em que a cultura era o prato de resistência.

No *Esboço para um Manifesto Marginal*, publicado em fevereiro de 1968, Nilo Batista e José Paulo Netto traçaram as linhas gerais do que deveria ser um projeto de mudança radical da cultura em Juiz de Fora, que baniria de vez as características elitistas e alienantes que, segundo eles,

cercavam as manifestações artísticas, em prol de uma cultura compreendida com a transformação social e a identidade local.

A polêmica entre "marginais" e "oficiais" perdurou por todo o ano de 68. E ganhou um tempo extra, quando os "marginais" decidiram publicar os *Palimpsestos*. "Neste momento, havia um fuzuê na Faculdade de Filosofia, uma pressão contra a professora Maria Andrea Loyola, que, depois, tornou-se uma figura ilustre da Academia. Ela era uma mulher muito progressista e que estava sendo perseguida. Então, os *Palimpsestos* transformavam essas pessoas da vida real em personagens. A Maria Andrea virou o Mário André, que é o herói da história", relembra José Paulo Netto.

"Paraiburgo, além dos Clubes Rotativos e dos Tigres e da Frente Comercial, possuía o Instituto Antológico e Coreográfico, fora as organizações menores. Diante desta sombra assombrosa de organizações, Paraiburgo só tinha a orgulhar-se. Era, sem dúvida, uma cidade organizada." Este é um dos trechos do texto de autoria de Eugênio Malta, publicado em 27 de outubro de 1968, com o título "O último dia de Norberto Medalha e sua 'gang' - narrativa". Em toda a série escrita pelos "meninos do Guima", reina o espírito da irreverência, da crítica mordaz ao que simbolizava a ordem instituída. De certa forma, eles tiveram a coragem e a ousadia de denunciar, com doses de muito humor, o conservadorismo daquela cidade que vários deles acabaram por deixar, motivados pela luta política ou pela busca de novos horizontes profissionais. Naquele momento, porém, os "marginais" subverteram a ordem, a acomodação, a mesmice e, de certa forma, deram um novo sentido à cidade, apropriando-se das brechas, através das quais um discurso periférico pode, de certa forma, mudar as regras do jogo e contaminar a cultura dominante.

Christina Ferraz Musse

Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF e autora do livro *Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*

NATAL FESTA DE LUZES

O clima de confraternização que contagia mentes e corações no Natal ganhou mais emoção e beleza em Juiz de Fora com a iniciativa de decorar o Cine-Theatro Central nesta época do ano. Com o patrocínio da CEMIG, no próximo dia 8 de dezembro, às 19h30, serão inauguradas a decoração e a iluminação natalinas do Central em 2008, quando um véu de luzes e cores voltará a embelezar as noites de verão no centro urbano.

"A intenção foi criar uma luminosidade que valorizasse a fachada do teatro", explica Reinaldo Chagas, gerente de paisagismo da Pró-reitoria de Planejamento e Gestão da UFJF e mentor do projeto. "Trouxemos elementos novos para modernizar e dinamizar o resultado final, que será bem diferente daquele viés tradicional que apresentamos no ano passado. Quanto à receptividade do público, espero que seja a mesma: altamente positiva", afirma.

A CEMIG possui um programa intitulado "Natal de Minas" que possibilita a decoração de final de ano em logradouros de cidades mineiras - e, pela segunda vez, um dos agraciados é o Cine-Theatro Central. Celso Noronha, assessor de comunicação da CEMIG na região da Mantiqueira, revela alguns dados técnicos do projeto para o teatro: "Estão previstas 30 mil micro-lâmpadas, 600 metros de fio paralelo, 170 metros de corda luminosa e mais 46 itens, entre guirlandas e semi-arcos de festão, móveis metalizados e árvores natalinas de vários tamanhos."



A previsão dos investimentos em materiais, mão-de-obra especializada e evento de inauguração é de R\$ 24 mil. "A iluminação de Natal é o que podemos chamar de uma gentileza urbana. Para a concepção do projeto, é fundamental levar em conta a restauração dos prédios tombados pelo patrimônio histórico, orientar sobre arborização urbana, valorizar convênios técnico-científicos com a universidade e promover uma política que evite o desperdício de energia. Uma empresa não pratica sua gestão de sustentabilidade sem contemplar sua relação com as comunidades", informa Noronha.

Para a noite de inauguração, o Coral Universitário está preparando um programa com toque especial: no repertório, três peças clássicas em homenagem aos 50 anos da Bossa Nova - *Berimbau*, *Samba em prelúdio* e *Eu sei que vou te amar*. "Mesmo repletos de compromissos neste final de ano, é sempre um prazer cantar no Central. Alguns dos arranjos são criações minhas. É a segunda vez que iremos participar da inauguração desta iluminação de Natal", conta o regente do coral, André Pires.

Após a apresentação, o público será convidado a dirigir-se à praça João Pessoa para presenciar a iluminação da fachada, que promete noites mágicas em perfeita sintonia com o espírito natalino.



MACHADO DE ASSIS UM HOMEM DE TEATRO

Contista, poeta, cronista, romancista, dramaturgo: o maior escritor brasileiro do século XIX teve várias facetas, embora seja mais conhecido por seus contos e romances, que instigam o leitor a reflexão sobre a natureza humana. Machado de Assis, porém, também dedicou boa parte da juventude ao teatro – gênero no qual foi crítico, autor, censor e tradutor. Por muito tempo, suas peças foram pouco comentadas, relegadas a um plano de menor importância. Entretanto, pesquisas recentes têm revelado o verdadeiro valor de sua produção para os palcos, e a necessidade de conhecê-la melhor.

Estudiosos dos contos e romances que representam a “fase madura” de Machado, iniciada por volta de 1880, tendem a dispensar pouca atenção às comédias que ele escreveu – a maioria produzida ainda no começo de sua trajetória. Segundo João Roberto Faria, professor da Universidade de São Paulo, considerado o maior especialista em teatro machadiano, é preciso evitar comparações dessas peças com outras obras. Deve-se “estudá-las ou como parte do sistema teatral brasileiro – no qual têm importância, pois rompem com a hegemonia da farsa de costumes – ou como obras autônomas, que têm suas leis próprias”, esclarece o também organizador de dois livros sobre o assunto: *Teatro de Machado de Assis* e o recém-lançado *Do teatro: textos críticos e escritos diversos*.

Faria ressalta que as duas fases da carreira do escritor – que compreendem as obras da juventude, com forte influência romântica, e a posterior produção, voltada para o Realismo – devem ser consideradas em conjunto, já que muito da segunda se explicaria pelo que há na primeira. “É nesta que nasce e se forma o homem de teatro que ele foi”, sentencia. O gênero dramático influenciaria toda a obra do escritor, da estrutura de suas narrativas até à construção de personagens ou ao arranjo dos fatos na trama.

Em 1859, aos 20 anos, Machado se tornou crítico teatral do periódico *O Espelho*. Ao longo dos dez anos seguintes, continuou produzindo críticas para jornais do Rio de Janeiro, traduziu diversas peças

para o Teatro Ginásio Dramático, escreveu comédias e atuou como censor do Conservatório Dramático. Após 1869, ano de seu casamento com Carolina Novais, entrou em fase de recolhimento que favoreceu a sua produção literária. Outro fato que colaborou para que o dramaturgo cedesse lugar ao escritor foi o declínio pelo qual o teatro passava na época. “Machado e sua geração achavam que o teatro era uma escola de costumes, que as pessoas aperfeiçoavam sua formação moral assistindo a boas peças. No entanto, a partir de 1865, o teatro de cunho literário perde terreno para as operetas e mágicas, gêneros que visam apenas ao divertimento”, ressalta Faria.

Embora tenha diminuído sua produção destinada aos palcos, o “bruxo do Cosme Velho” jamais abandonaria o teatro. Mesmo após 1873, quando escreveu o artigo “Instinto de nacionalidade”, no qual lamenta a situação dos espetáculos dramáticos no país, Machado concebeu as comédias *Tu, só tu, puro amor*; *Não consulte médico* e *Lição de botânica* – esta última em 1905, pouco antes de morrer.

Leves, as comédias machadianas não carregam o pessimismo presente em grande parte de sua obra. A temática é o sentimento amoroso e as personagens podem se expressar com sinceridade – o jogo de máscaras, característico de sua literatura, é atenuado. É um autor que vê o mundo com outras lentes que não as do desencanto, do cinismo e da falsidade.

A sátira a costumes políticos e sociais de seu tempo também entrava em cena. Com linguagem refinada, personagens cultos e espirituosos, provenientes da alta burguesia, mantêm diálogos permeados por ironia e bom humor. As peças são curtas, a maioria composta de um único ato. Dentre as comédias de Machado, recomenda-se a leitura de *Lição de botânica*, uma obra-prima de linguagem e delicadeza, e de *Quase ministro*, na qual o autor antecipa sua visão da nossa sociedade.

GP

ENTREVISTA JOSÉ LUIZ RIBEIRO

Professor, dramaturgo e ator, José Luiz Ribeiro foi um dos homenageados no 3º Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora. Em entrevista ao *Palco*, este importante criador revela toda a paixão e respeito que sente pelo ofício teatral, orgulhoso da trajetória construída pelo Centro de Estudos Teatrais, o Grupo Divulgação, concebido e comandado por ele há mais de quatro décadas, e ceifeiro de nomes como Leda Nagle, Ronaldo Borges e Pedro Bis.

O senhor imaginava que o Centro de Estudos Teatrais chegaria aos 42 anos?

Não. Costumo dizer que no início não houve uma pretensão, apenas um desejo enorme de fazer teatro, e eu nem esperava que a essa altura dos acontecimentos as pessoas comessem a reconhecer o trabalho... O teatro me deu mais do que mereço.

No início o grupo era amador?

Quando começamos, a pretensão não era fazer teatro e, sim, estudar teatro. Aos poucos, foram nos encomendando peças sobre determinados assuntos. Havia diversas semanas culturais e o Centro de Estudos Teatrais começou a fazer estes espetáculos e tomou gosto, porque passamos muito tempo lendo peças e estudando teatro. Nunca houve preocupação em ganhar dinheiro, mas em trabalhar bons textos e fazer um espetáculo da melhor maneira possível. Tudo o que faço na vida é com muita paixão.

Por que o senhor escolheu o teatro? O que ele tem que as outras artes não têm?

O teatro é uma arte tribal, que depende do ser humano diante do ser humano. O suporte do teatro como obra de arte é o homem, é o ator – e um ator diante de um público. O teatro é o verbo feito carne, em presença



Calígula, 1976

“O TEATRO ME DEU MAIS DO QUE MEREÇO”

de testemunhas – este é o ponto básico. O teatro nasce morrendo. O espetáculo é único, e aquela experiência que você teve em determinado espetáculo não terá em outro. Um filme ou uma música gravada é possível rever ou ouvir quantas vezes se quiser: tudo o que é mediado pode se repetir, mas o teatro não é mediado.

Existe José Luiz Ribeiro sem Divulgação e sem Forum da Cultura?

Tem que existir, porque aqui é o meu local de trabalho. É um local que afetivamente conquistei e conquisto. São 40 anos que não paro de sair em jornal com uma peça ou outro. Uma pessoa que tem 183 espetáculos é digna de figurar no *Guinness Book*. E tudo para a comunidade de Juiz de Fora. Isso é importante. Embora tenha dirigido espetáculos no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e ganhado prêmios em São Paulo, a minha aldeia é aqui.

Existe Divulgação e Forum da Cultura sem José Luiz Ribeiro?

Luto para que exista. Porque sou finito. Vai ter um momento em que vou desaparecer, mas irão aparecer outros. O Divulgação tem Márcia Falabela, Fátima Amorim e várias outras pessoas que estão há 19, 20 anos, trabalhando aqui sem parar. E, se pensarmos em todas as pessoas que saíram do grupo, veremos que acabaram repetindo a forma “Divulgação” de fazer teatro. Aqui é, talvez, a sementinha de muita coisa que se acha espalhada.

E como você vê o Divulgação e a sua obra daqui a 40 anos?

A minha filosofia é a da toupeira que vai cavando e cavando – e, quando lhe aparece uma pedra, cava em volta. É assim que temos resistido por estes 42 anos.

AOD

AGENDA

CINE-CENTRAL CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº

(32) 3215-1400

www.theatrocentral.ufjf.br

03.12, 21h *Companhia Nacional de Danças da Bielo-Rússia*, Balé folclórico

04.12, 21h *Diversões Lúdicas... ao vivo e a cores!* Lúdica Música - Projeto Sérgio Lessa

06 e 07.12, 21h e 19h *The Beatles in my life e a mi manera*, Corpus Núcleo de Dança

09 e 10.12, 20h *Os sete pecados e O mágico de Oz*, Academia Expressão e Movimento

20.12, 20h *Brasileirice*, Ballet Anna Pavlova

21.12, 19h30 *Um conto de Natal*, Ballet e Jazz Ira Cris

FORUM DA CULTURA

Rua Santo Antônio, 1112

(32) 3215-3850

www.forumdacultura.ufjf.br

Terça a sexta: 14h às 20h30

GALERIA DE ARTE

02.12 a 14.12, *Águas*, Clube das Fotógrafas Amantes da Natureza

16.12 a 31.12, *Cerâmica e literatura*, Alunos do curso de Artes da UFJF

MUSEU DE CULTURA POPULAR

02.12.08 a 06.01.09, *Presépios*

TEATRO

03.12 a 07.12, 20h30 *A Casa Abandonada*, espetáculo de José Luiz Ribeiro, Encerramento do Workshop de Interpretação para a Terceira Idade

MAMM

MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790

(32) 3229-9070

www.mam.ufjf.br

Terça a sexta: 10h às 18h

Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

18.12 *Abertura de Via Del Consolato 6 - Roma, Italianos na coleção Murilo Mendes*, Galeria Convergência

História do Brasil, Murilo Mendes, Galeria Convergência

Jandira, o começo do mundo, Mauro Valsangiacomo, Galeria Retratos-Relâmpago

Pablo Neruda em Isla Negra, Sara Facio, Galeria Poliedro

DIÁLOGOS ABERTOS

09.12, 19h *Edmundo Villani-Cortês*, Maestro

LEITURAS TEMÁTICAS

04.12, 19h Lançamento do livro *Aquário de pássaros*, Renato H. Dias

18.12, 19h Lançamento do livro *Imaginária sacra em Juiz de Fora*, Valtencir Almeida, André Colombo e Raphael Hallack Fabrino

MUSICAMAMM

07.12, 19h *Kika canta clássicos*, Kika Tristão

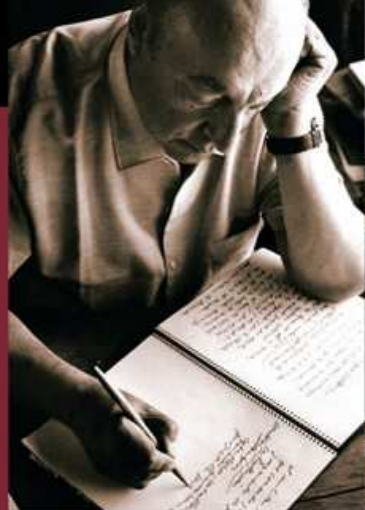
GALERIA DA REITORIA

Campus Universitário

Biblioteca Central

EXPOSIÇÃO

Itamar Franco: Ideal e idéias de um grande estadista



NERUDA ISLA NEGRA

O poeta chileno Pablo Neruda pôde dispor de diversas moradas durante os 69 anos de sua vida. Uma delas foi fundamental em seu ofício: a residência em *Isla Negra*, uma ilha ao sul do Chile. Nesta casa de pedra diante do mar do Pacífico o escritor hospedou, durante um período em 1970, a fotógrafa argentina Sara Facio, que registrou imagens do cotidiano do poeta. Dessa estadia originou-se o livro *Pablo Neruda em Isla Negra*, lançado em 2004, em comemoração aos 100 anos do nascimento do poeta, e que hoje fundamenta a exposição homônima em cartaz na Galeria Poliedro no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM).

Pablo Neruda se autodenominava "viajante imóvel". Apesar de percorrer o mundo, era um homem com uma pátria e afirmava que não poderia viver senão em sua própria terra: "Se tivesse que nascer mil vezes/ Ali quero nascer/ Se tivesse que morrer mil vezes/ Ali quero morrer...".

À procura de um lugar de trabalho para se dedicar à escrita de seu épico sobre a América Latina, *Canto Geral*, Neruda encontrou, em 1939, a casa de *Isla Negra*, que se tornou um palco de elementos necessários à sua poesia – como o trabalho das bordadeiras da ilha, mulheres do "povo em estado puro", que alegravam as casas com seus bordados ingênuos e coloridos. No livro de memórias *Confesso que vivi*, o poeta relata: "Encontrei uma casa de pedra defronte do mar num lugar desconhecido para todo o mundo, chamado *Isla Negra*. A costa selvagem da *Isla Negra*, com o tumultuoso movimento oceânico, permitia que eu me entregasse com paixão à empresa de meu novo canto."

Sara Facio encontrou Neruda nesse cenário. A fotógrafa, que vive em Buenos Aires, registrou a aura do poeta, seus momentos de reflexão e criação, o ambiente familiar, a vida com sua esposa Matilde e tudo mais que o mantinha tão ligado a *Isla Negra*.

Sara descreve um Neruda cordial, que usava de voz baixa e linguagem cuidadosa e disposto a escrever a qualquer momento e lugar: "Em determinado banco de pedra contemplava o mar numa hora fixa. Em outro se sentava ao meio-dia porque o vento fazia tocar os sinos. Naquela mesa lia a correspondência. Naquele quarto escrevia. Nessa poltrona lia livros, nesse banquinho os jornais." Muitos desses instantes capturados pelas lentes da fotógrafa foram acrescidos de depoimentos do próprio Neruda, escritos especialmente para *Pablo Neruda em Isla Negra*. Ainda em parceria com o escritor, Sara realizou os livros *Retratos e Autorretratos*, *Geografia de Pablo Neruda*, *Pablo Neruda*. Su vida em 150 fotos, entre outros.

O POETA E O BRASIL

Neruda esteve algumas vezes no Brasil e dedicou preciosas páginas de seu diário à exuberância da cultura brasileira. Nas andanças nesta outrora Terra de Vera Cruz, hospedado na casa de Rubem Braga, Neruda foi entrevistado por Clarice Lispector, que lhe indagou sobre a poesia brasileira. Entre nomes citados, tais como Carlos Drummond de Andrade e



Vinicius de Moraes, surge o do memorialista e poeta bissexto juizforano Pedro Nava. Neruda elogiou seu poema "O Defunto", publicado por Manuel Bandeira em sua *Antologia dos Poetas Bissexto Brasileiros Contemporâneos* (1946).

Neruda não só citou escritores brasileiros como foi exaltado por alguns. Em 1973, Murilo Mendes publicou o livro *Retratos-relâmpago* e dedicou um precioso retrato a Pablo Neruda: "Tinhas três residências em la tierra, habitadas por homens e mulheres com cantos antigos-modernos individuais-coletivos. Liberdade ubiqüidade lagos montanhas papovelas pedras sombras de pedras símbolos tótemes pré-colombianos enumeração caótica de elementos perguntas respostas o real o fantasmagórico, participando do canto general, rodeávamos."

Pablo Neruda nasceu Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto, no ano de 1904. Seu pseudônimo foi escolhido para homenagear o poeta tcheco Jan Neruda. Ganhou o Prêmio Nobel de Literatura (1971) e o Prêmio Lênin da Paz (1953). Faleceu em 1973 e descansa ao som do mar e sinos em *Isla Negra*.

GA

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA Reitor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho Vice-reitor José Luiz Rezende Pereira Pró-reitor de Cultura José Alberto Pinho Neves CINE-TEATRO CENTRAL Conselho Alessandro de Sá Gomes, Ana Maria Martins Ribeiro de Oliveira, Andréa Gerheim, Eduardo Sérgio Leão de Souza, Hélio Antônio da Silva, José Alberto Pinho Neves, Marcelo do Carmo Rodrigues, Paulo Dimas de Castro, Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos Supervisor administrativo Marcelo do Carmo Rodrigues Supervisor de produção Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos.

PALCO, órgão informativo do Cine-Theatro Central. Jornalista responsável Nelma Frões Edição Izaura Rocha Diagramação Ligia Lacerda Bolsistas Arthur Ovidio (AOD), Gabriel Miranda (GA), Gabriella Praça (GP), Mariana Franzini (MF) Fotógrafo Alexandre Dornelas Revisão Rafael Costa Marques, Maria Auxiliadora Bórem www.theatrocentral.ufjf.br (32) 3215-1400.